

O TEATRÃO APRESENTA *FIOS E LABIRINTOS*

*O Minotauro perdido no seu labirinto,
a coragem de Teseu e o amor de Ariadne
servem de ponto de partida para a criação de um espectáculo
que se pretende ao mesmo tempo narrativo e reflexivo,
porque ultrapassa o próprio enredo da história
para abordar a temática intemporal da coragem
e das escolhas que cada um de nós
faz no labirinto da sua própria vida.*

Leonor Barata

Entre os dias 21 e 27 de Maio, o Teatrão leva à cena, na Oficina Municipal do Teatro de Coimbra, um espectáculo – *Fios e labirintos* – inspirado no mito grego de Teseu e Ariadne, colaboradores na eliminação do monstro de Creta, o Minotauro. Embora dirigida a um público prioritariamente infanto-juvenil, esta produção responde a várias sensibilidades e não deixa indiferentes os espectadores adultos.

Construída em torno da expressão do medo e da forma de o enfrentar, *Fios e labirintos* vai beber a uma das histórias mais populares da Antiguidade, que, no entanto, é apenas mais um exemplo de um paradigma relatado, em múltiplas versões, com os mesmos contornos ainda que vivido por diferentes protagonistas: a viagem atormentada de um herói; o desafio de uma empresa arriscada; a colaboração de uma mão feminina, detentora de um poder mágico; a paixão que une o par; o regresso do herói à origem, na posse de uma prova de maturidade e do reconhecimento de uma plenitude de vida que a vitória lhe valeu.

Para a tradução da odisseia do príncipe de Atenas, o Teatrão optou por um espectáculo que dá prioridade à expressão corporal. Mais do que a palavra, é o gesto ou a atitude o que conta a história. Aliás o texto, escrito expressamente para o espectáculo, não é mais do que um apoio, discreto, lacónico, como uma espécie de legendagem para a riqueza de movimento. Uma nota sonora, que coloca o mar como pano de fundo, e uma camada de areia a preencher o espaço de cena situam o público diante da ilha de Creta;

um conjunto de estrados e de hastes de madeira compõem uma estrutura que vai permitir, pela circulação de fitas conduzidas pelos dois heróis – Teseu e Ariadne –, definir o traçado do labirinto.



É neste enquadramento que anos e quilómetros de aventura acontecem e graças à mímica que o herói percorre o mar ‘que ainda se não chamava Egeu’, vence tempestades, derrota inimigos, até tombar, exausto, nas costas de Creta. Lá onde o espera, com um vistoso novelo rubro e um coração quente, uma Ariadne, conhecedora das implicações do seu nome, para que se cumpra a velha lenda. A luta com o Minotauro, essa desenrola-se por detrás de um estrado erguido, dos que calçam a cena, com uma sugestão de urros da fera e gestos decisivos de violência, por parte de um ‘intrépido/assustado’

Teseu. Herói que, por fim, regressa à liberdade, trazido pela ponta de um fio que mão feminina mantém preso, como se fosse Ariadne, pelo simbolismo do fio, o destino que tudo comanda. A emoção do reencontro é o que separa o par do momento da partida para Atenas, a cidade enfim libertada da tirania de Minos.

A circundar o episódio, a personagem de uma profetisa, a detentora de um prato em cacos onde se recupera uma história do passado, assume a voz de um oráculo que, à distância de milénios, guia, como uma segunda Ariadne, a compreensão de um outro público. Depois de conduzir as passadas de Teseu e a colaboração de Ariadne, a profetisa pode por fim associar-se-lhes no desfecho feliz: aquele em que velas negras, que por esquecimento se não trocaram pelas velas brancas da vitória, causam a morte de Egeu, o velho monarca, e abrem ao jovem conquistador seu filho o acesso ao poder.

A criação deste espectáculo foi da responsabilidade de Leonor Barata; a banda sonora de Filipe Costa; o desenho de luz de Jonathan Azevedo; a cenografia, figurinos e adereços de Cátia Barros e Patrícia Mota; a fotografia de Paulo Abrantes. Nos papéis de Jasão, Ariadne e o oráculo estiveram Freddy Trinidad, Margarida Sousa e Isabel Craveiro, a cuja qualidade de interpretação e de expressão se ficou a dever em boa parte o excelente resultado conseguido por esta produção.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

GOTA D'ÁGUA DE CHICO BUARQUE E PAULO PONTES ENCENADA EM PORTUGAL

Portugal recebeu no mês de Maio de 2009 uma encenação do célebre musical brasileiro de Paulo Pontes e Chico Buarque. A *Gota d'Água* possui um lugar especial na história brasileira. Além de trazer um tema clássico com tamanho cuidado e bom gosto, a tragédia possui uma carga de contestação muito forte em suas linhas, resposta clara à ditadura militar que estava em pleno poder no ano de 1975.

Esta montagem, produzida pela Mandrake e assinada por João Fonseca, com direção musical de Roberto Brugel, estreou no Brasil em 2007 tendo sido considerada um sucesso. A Comadre Joana (Izabella Bicalho) veste a

pele da feiticeira cólquida rejeitada por Jasão que, mediante o sucesso do samba *Gota d'Água*, noiva com Alma, filha de Creonte (Cláudio Lins), despertando a fúria da amada traída.

Corinto transforma-se em Rio de Janeiro e o estranhamento de Medeia não se dá pela distância da pátria mas sim da classe. Fortemente marcada por tendências socialistas dos anos 70, Paulo Pontes e Chico Buarque associam toda a faísca das disputas das classes sociais brasileiras à profundidade deteriorante do texto de Eurípides. A escolha de Jasão, jovem de talento e sambista promissor, dá-se pelo vislumbamento da ascensão social que o casamento com Alma, filha de Creonte, um magnata aproveitador, poderia produzir. Do outro lado, uma Joana que não se omite e assume o papel de mulher abandonada, exige o pagamento de tudo que investira no jovem sambista. Desta tensão, de amor e cancro, de ódio e alento, surge o desejo que motiva o enredo: sua vingança.

O espectador é introduzido ao mundo de Joana e Jasão pelo verso “Eu sou do Rio de Janeiro”, cantado em coro pelos personagens que se apresentam enquanto desenha-se a Vila do Meio-Dia, sinédoque da capital carioca. Entre a camisa do flamengo e o pandeiro, o chope e o botequim, revelam-se os moradores e a trama de *Gota d'Água*. Em linhas gerais, tratar-se-á do tema do divino, em todas as suas acepções, do filicídio e das ranhuras da mobilidade social na sociedade brasileira. Dois semicoros pontuam as opiniões femininas e masculinas na peça. De uma disputa clara travada em torno da filiação masculina à escolha de Jasão e da feminina em torno de Joana, surge um coro forte que traz a todo momento reflexões sobre o povo brasileiro e suas características.

O divino aparece nesta *Gota d'Água* com especial desenvoltura, uma vez que Joana é macumbeira e não mede palavras para invocar um panteão de divindades para auxiliá-la em sua vingança. Numa espécie de sincretismo religioso, Hécate e São Jorge são postos lado a lado à Têmis e a todos os orixás do Olimpo, ao serem invocados pela autoproclamada serva de Jesus Cristo.

A sensibilidade poética de Chico Buarque é sentida aqui e faz com que a peça transborde emoção. Esta montagem traz canções adicionais do autor, que só tem a contribuir para alcançar o apogeu trágico pretendido pelos autores. Sucessos como “O que será (à flor da pele)” e “Partido Alto” são costurados com a própria “Gota d'água”, exponenciando as sensações e os sentimentos das personagens.